

Especial

Nº 218 · Março de 2023

     serjusmig

SERJUSMIG

Informativo do Sindicato dos Servidores da Justiça do Estado de Minas Gerais

08 DE MARÇO

Dia internacional de luta das Mulheres

8M

Pela vida das mulheres

Ainda são muitos os desafios

O que seria do mundo sindical sem as mulheres? Sempre, elas impulsionam a conquista de direitos para todas e todos.

No SERJUSMIG, não poderia ser diferente. Abaixo, os depoimentos de algumas dessas lutadoras que fazem o sindicato acontecer.

ANA MARIA BERTELLI: Diretora Social

O TJMG é um espaço conservador, de representação do poder e, portanto, masculino. A mulher vem se inserindo muito sutilmente, mas tem que superar muitas coisas para poder ocupar este espaço.

O principal desafio que temos que alcançar é acabar com esse mito de fragilidade, de mulher-cinderela. Vencer o machismo estrutural que está presente em todos os espaços de sociabilidade que nós mulheres integramos, e que nem sempre é percebido pelo machista ou até mesmo pela mulher.



SHEILA AUGUSTA FERREIRA: Sub-Diretora Social

Dentre as poucas mulheres que ocupam cargos de liderança, as mulheres negras ficam num espaço ainda menor. É surpreendente o quanto não existe representatividade. Fico triste quando vejo as fotos oficiais do TJMG, onde a maioria são compostas por homens brancos, poucas mulheres e quase nenhuma mulher negra. Isso me incomoda muito.

Quando jovem, eu achava que participar de grupos do sindicato e da área profissional poderia marcar bem essa posição de mulher negra. Mas hoje vejo que é preciso mais do que isso. Proporcionar o acesso, repensar a forma de distribuição dos cargos, de inserção e participação da mulher negra. São necessárias políticas públicas voltadas para a questão.



TATIANA BORGES: Sub-Diretora Secretária

É exigido que a mulher cuide da casa, do marido, dos filhos e da família, o primeiro local que ela tem que estar é na casa. Outras ideias, outras formas de pensar e se envolver em lutas pelas questões sociais, é como se fosse algo a mais pra mulher, é como se ela estivesse saído de onde ela deveria estar.

No governo ainda tem poucas mulheres, nos ministérios e legislativo. Precisamos de mais mulheres em todos os cargos, inclusive em cargos importantes no judiciário. A mulher tem que estar em todos os lugares.

Minha mãe sempre enfatizou o valor da independência da mulher, e isso passou a ser importante pra mim também. Sempre me interessei por política, desde o movimento estudantil e agora no sindicato, sempre gostei de participar e acho fundamental a presença da mulher nestes espaços.



SIMONE SALGADO: Diretora de Relações Públicas, promoções e eventos

Casei muito nova. Fiz a faculdade de Direito quando minha filha tinha 5 anos, e no meio do curso engravidei da minha caçula. Moro numa cidade pequena, tinha que pegar 220 km de ida e de volta. Foi uma luta, tive que abrir mão do convívio com minhas filhas. Mas consegui colher frutos disso, sou profissional de carreira. Tentei não me culpar, mas vejo colegas que se culpam muito.

O grande desafio em ser mulher é conciliar o lado mãe com o profissional, além da responsabilidade como dona de casa. A responsabilidade e a carga da mulher são muito maiores do que a dos homens, não vejo igualdade.

Luto para que acabe com o costume de que “isso é coisa de mulher”. Cuidar dos filhos é coisa dos pais, de ambos os pais. Tem que acabar com essa cobrança de que a mulher tem que dar conta de tudo e ser boa em tudo, ter uma conscientização sobre isso na nossa sociedade.



YARA VILAÇA: Sub-Diretora de Recreação, Esporte, Lazer e Cultura

Nós mulheres temos que suportar mais coisas, e até nos acostumamos com isso. Temos que dar conta de todas as jornadas, tudo é mais difícil para a mulher. Até mais dificuldade para se inserir no serviço público.

Para conseguir uma estabilidade no futuro e ter essa segurança, eu passei por situações complicadas. Eu trabalhava e estudava, fiz cursinho a noite para prestar o concurso e chegava em casa mais de meia noite, sozinha. É sempre mais perigoso para a mulher, eu tinha muito medo.

A estabilidade para a mulher é muito importante, pois ela é vítima de muitas situações de assédio. Eu não precisei me preocupar com isso, justamente pela estabilidade do serviço público. Muitas coisas são evitadas com a garantia de direitos que vamos conquistando com a luta.



CARLA ALMEIDA: Sub-Diretora de Relações Públicas, promoções e eventos

Nos últimos anos houve um retrocesso da presença das mulheres em espaços de poder, principalmente em países onde a direita assumiu o poder, como no Brasil.

Hoje em dia é muito mais difícil para uma mulher ter atitude e buscar ocupar estes espaços, colocar sua opinião e até mesmo na defesa dos direitos, como realizar passeatas. Essa dificuldade se dá pela realidade da conjuntura política. As mulheres e homossexuais têm sido cada vez mais alvo de discriminação, preconceito e até violência. Eu mesma fiquei com medo e deixei de fazer algumas coisas.

Espero que com a mudança de governo a gente consiga voltar a ter essa luta e possamos reconquistar o que perdemos, a nível pessoal e profissional, e que possamos até mesmo conquistar mais.



Assédio também é violência de gênero: histórias de servidoras no TJMG

Histórias de servidoras que buscam o atendimento do SERJUSMIG confirmam algo que já é amplamente comentado no mundo do trabalho: o assédio moral tem como um de seus alvos preferenciais as mulheres.

O assédio leva ao adoecimento e, não por acaso, são as mulheres as que mais sofrem as consequências. Na primeira instância, o absenteísmo doença atinge 39,8% das mulheres e 32,7% dos homens. Há registros de 10,3% das servidoras em absenteísmo por problemas emocionais, ao passo que somente 3,3% entre servidores. As informações são da pesquisa “situação de saúde e condições de exercício profissional dos servidores da primeira instância do TJMG”.

Além de ser, portanto, uma violência contra quem trabalha, o assédio pode ser considerado uma violência de gênero. “Mesmo ponderando que há mais servidoras, a proporção de casos de assédio a mulheres é bem maior”, afirma Raquel Orlando, integrante do núcleo de saúde do trabalhador do sindicato.

“Fui trabalhar longe para fugir desse juiz”

Trabalhando por mais de uma década no Tribunal, Fernanda Teixeira [nome fictício para manter o anonimato da entrevistada] teve que pedir remoção, trocando o local de trabalho a poucos minutos de casa por outra comarca, a uma hora de sua cidade. Isso a obriga a enfrentar a estrada todos os dias para trabalhar. O motivo foi a perseguição por parte de um juiz.

Segundo Fernanda, quando seu bebê tinha aproximadamente um ano, no início da pandemia, em meio às tarefas do cuidado materno e o trabalho em casa, começaram as pressões por produtividade. “Ele queria uma produção normal. Começou a comparar meu trabalho com as de outras mais velhas, que tinham os filhos criados. Além disso, achava que questões como cólica e amamentação eram ‘mimimi’. Ele acabou com a minha autoestima”,

recorda chorando.

Na mesma época, a trabalhadora percebeu, a partir da vivência de uma colega de outra comarca que trabalhava com uma juíza, que o tratamento tende a ser mais respeitoso quando os cargos de chefia são ocupados por mulheres. “A juíza disse que compreendia que era mais difícil o trabalho em casa para uma mãe com filho pequeno. Então, ela, por ser mulher, soube lidar melhor com as dificuldades de uma mãe do que o juiz que trabalhava comigo”, relata.

“Notei que ela tinha um preconceito comigo”

Às vezes, porém, as mulheres não encontram nenhum apoio no trabalho. Durante sete anos, a gerente de secretaria Joana Medeiros [nome fictício] sofreu o assédio vindo de uma juíza de vara cível. Por vezes, intimidações, gritos e comentários depreciativos ocorriam durante audiências.

“Certa vez, ela parou a audiência para me xingar. Foi um constrangimento só, todo mundo me olhando. Eu também notei que ela tinha preconceito comigo, não sei se era por causa da cor. Um dia, eu fiz umas mechas no cabelo. Quando eu entrei na sala, ela falou: ‘Gostei disso que você fez no cabelo, tirou essa cara de índia que você tinha’”, lembra.

O pior, entretanto, veio às vésperas da aposentadoria da juíza. “Ela me chamou à sala dela, entregou um formulário para eu levar à GEAPA [Gerência de Apoio à Direção do Foro da Capital] e disse que não me queria mais trabalhando ali. Eu cumpri a jornada muito chateada e tive que sair de lá. Os meus sete anos ali não contaram para ela”.

Joana também considera que, por ser mulher, esteve mais exposta ao assédio moral. “Essa juíza realmente falou que preferia uma secretaria só com funcionários homens. Ela achava que eu passava a mão na cabeça das pessoas, só porque eu tratava as pessoas com respeito, empatia”, acrescenta.

Saiba o que fazer em caso de Assédio Moral

Em caso de assédio moral no trabalho, o primeiro passo é buscar apoio. Ao menor sinal de que está sofrendo assédio moral, o associado pode **entrar em contato com a equipe de acolhimento do SERJUSMIG, pelo telefone: (31)99758-4348.** A equipe verificará se há necessidade de acompanhamento psicológico, jurídico ou administrativo, encaminhando o caso para profissional competente.

Também é fundamental buscar apoio no local de trabalho. Neste caso, é preciso que os próprios servidores se sensibilizem com os colegas de comarca. Contudo, isso às vezes esbarra no machismo e assédio praticado pelos próprios colegas de trabalho.

“Muitos homens têm dificuldade de lidar com o fato de serem mandados por mulheres. Há mulheres que se colocam em embate com outras mulheres. Da mesma forma, há mulheres com a tarefa de cuidado na família e, em vez de contar com a solidariedade das pessoas, sofrem um estigma: ‘Ah, ela não produz tanto porque cuida dos filhos, dos pais’. Então, precisamos entender que, se há um caso de assédio no trabalho, é problema de todos”, conclui Raquel Orlando.

VOCÊ SABIA?

O assédio moral consiste em: **pressões abusivas, com gestos ou palavras, ameaças, constrangimentos e humilhações, que ocorrem de maneira repetitiva e sistemática, ferem a dignidade da pessoa, causam adoecimento físico e mental e dificultam o convívio no trabalho.**



EXPEDIENTE

DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: Eduardo Couto; **1º Vice-Presidente:** Rui Viana; **2º Vice-Presidente:** Ronaldo Ribeiro Júnior; **3º Vice-Presidente:** Felipe Galego; **Diretor Secretário:** Adilson Silveira; **Sub-Diretora Secretária:** Tatiana Borges; **Diretor Financeiro:** Willer Luciano Ferreira; **Sub-Diretor Financeiro:** Alípio de Faria Braga; **Diretora de Relações Públicas, Promoções e Eventos:** Simone Salgado; **Sub-Diretora de Relações Públicas, Promoções e Eventos:** Carla Almeida; **Diretor de Recreação, Esporte, Lazer e Cultura:** Théo Léllis; **Sub-Diretora de Recreação, Esporte, Lazer e Cultura:** Yara Vilaça; **Diretora Social:** Ana Maria Bertelli; **Sub-Diretora Social:** Sheila Augusta Ferreira.

CONSELHO FISCAL

EFETIVOS: 1º Ênio de Senna Gomes Júnior; 2º Seabra Júnior Ferreira Santos; 3º Wellington Quintiliano; 4º Juscelino Rademarker de Oliveira; 5º José de Queiros Toledo; 6º Antônio Carlos Lopes; 7º Jorcelina Ferreira. **SUPLENTE:** 1º Juliano Ribeiro; 2º Eduardo Furbeta; 3º Dahyane de Oliveira; 4º Nelma Borges; 5º Adriana Nazareth Horta; 6º Antônio Ancelmo de Souza; 7º Eduardo Ramiro Fernandes.

EQUIPE DE COMUNICAÇÃO

Textos: Carla Abreu, Maira de Mello Gomes e Wallace Oliveira; **Diagramação:** Carolina Garcia; **Ilustração (pág 4 e 5):** Carolina Garcia; **Fotos:** Diretoria, funcionários e colaboradores